

# CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: SAGA BRASILEIRA (1963-2013)

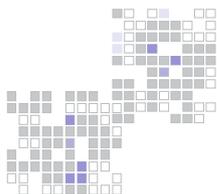
COMMUNICATION SCIENCES: BRAZILIAN SAGA (1963-2013)

*CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN: LA SAGA DEL BRASIL (1963-2013)*

## José Marques de Melo

■ Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1964), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1965), doutorado e livre-docência em Ciências da Comunicação - Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1973). Atualmente é professor emérito da Universidade de São Paulo e diretor titular da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação. Publicou meia centena de livros e coletâneas, mais de uma centena de artigos em periódicos científicos do país e do exterior. Fundou e dirigiu sociedades científicas espaço ibero-americano. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo brasileiro, gêneros jornalísticos, pensamento comunicacional latino-americano, história das ciências da comunicação.

■ E-mail: [marquesmelo@uol.com.br](mailto:marquesmelo@uol.com.br).



## RESUMO

As práticas sociais e os estudos correlatos produzidos pela academia nas Ciências da Comunicação eram segmentados por disciplinas e não formam um espaço orgânico. Como campo ao mesmo tempo empresarial, profissional e universitário, a comunicação emerge na sociedade brasileira na década de 1960, mas só ganha legitimidade no período seguinte. Vários fatores convergem para essa nova forma de organização do trabalho e do conhecimento. Neste artigo conheça a saga brasileira, nos seguintes tópicos: o campo em formação, a comunidade acadêmica, as entidades representativas e as perspectivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO; TRAJETÓRIA HISTÓRICA, ENTIDADES REPRESENTATIVAS.

## ABSTRACT

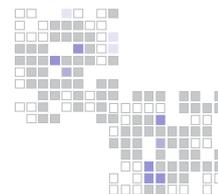
Social practices and related studies conducted by the academy in Communication Sciences were segmented by courses and do not relate to each other organically. As a field that also thrives in business, professional and academic communication emerged in Brazilian society in the 1960s, but only gained legitimacy in the following years. Several factors converge for this new form of work organization and knowledge. The article follows the Brazilian saga and explores the developing field, the scientific community and its representative bodies.

**KEYWORDS:** COMMUNICATION SCIENCES; HISTORICAL TRAJECTORY, REPRESENTATIVE BODIES.

## RESUMEN

Las prácticas sociales y los estudios relacionados producidos por la Academia de Ciencias de la Comunicación eran segmentados por disciplinas y no forman un espacio orgánico. Como un campo al mismo tiempo empresarial, profesional y universitario, la comunicación surge en la sociedad brasilera en la década de 1960, pero sólo alcanza legitimidad en el período siguiente. Varios factores convergen para esa nueva forma de organización del trabajo y del conocimiento. En este artículo se conoce la saga brasilera, en los siguientes temas: el campo en formación, la comunidad académica, las entidades representativas y las perspectivas.

**PALABRAS CLAVE:** CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN, TRAYECTORIA HISTÓRICA, ENTIDADES REPRESENTATIVAS.



## 1. Preâmbulo

Não obstante os estudos sobre os processos de comunicação tenham tradição, em nosso país, desde 1846, quando a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* publica o artigo de Francisco Souza Martins sobre o “Progresso do Jornalismo no Brasil” (Marques de Melo, 2009, p. 120), na verdade a noção de “campo”, naquela acepção corrente na sociologia cognitiva, data dos anos 1960-1970.

Até então, as práticas sociais e os estudos correlatos, produzidos pela academia, eram segmentados pelas disciplinas que compõem o universo das ciências da comunicação, não formando um espaço orgânico.

Como campo ao mesmo tempo empresarial, profissional e universitário, a comunicação emerge na sociedade brasileira na década de 1960, mas só ganha legitimidade no período seguinte. Vários fatores convergem para essa nova forma de organização do trabalho e do conhecimento.

O processo conquista reconhecimento nacional, consolidando-se a partir das seguintes evidências: a) fundação do ICINFORM (Recife, 1963); b) fundação da ECA-USP (São Paulo, 1966); c) realização do I Congresso Nacional de Comunicação na ABI (Rio de Janeiro, 1971); d) fundação da INTERCOM (São Paulo, 1977); fundação da SOCICOM (Natal, 2007); realização da I Conferência Nacional de Comunicação, convocada pela Presidência da República (Brasília, 2009), cujos efeitos se projetam nas políticas públicas instituídas pelo governo atual (2011-2014).

Assim sendo, o momento é oportuno para se fazer um balanço do caminho percorrido, historicizando seus acontecimentos paradigmáticos, resgatando o protagonismo de pessoas ou instituições, de modo a favorecer sua consolidação e sedimentação em todo o país.

Foi justamente perseguindo esse objetivo que a SOCICOM – Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação progra-

mou uma série de ações para celebrar os 50 anos das Ciências da Comunicação: 1) publicação de um volume da série *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil*, ano 2012/2013, editado em parceria com o IPEA, dedicado à memória do campo comunicacional brasileiro; 2) apoio à edição da série “Fortuna Crítica da INTERCOM, inventariando a produção acadêmica da sua vanguarda intelectual; 3) estímulo a FOLKCOM para a publicação da antologia *Metamorfose da Folkcomunicação*, disponibilizando às novas gerações textos emblemáticos da História daquela interdisciplina; 4) colaboração com a Rede ALCAR e a INTERCOM para o lançamento da coleção de *Dicionários Histórico Bio-Bibliográficos de Pensadores Comunicacionais Brasileiros*, cujos volumes iniciais abrangem o PENSA-COM Alagoas e PENSA-COM Piauí.

Esse evento adquire dimensão internacional com a inauguração da Mostra Digital sobre o Cinquentenário do Campo Comunicacional no Brasil, no dia 29 de maio de 2013, no Museu Nacional da Imprensa (Porto, Portugal, 2013), na abertura do II Fórum da CONFIBERCOM (Confederação Ibero-americana de Associações Científicas de Comunicação).

## 2. Campo em formação

### 2.1 Divisor de águas

Sinalizando a convergência de acontecimentos decisivos para sedimentar o estudo dos processos comunicacionais na sociedade brasileira, o ano de 1963 constitui marco decisivo entre duas fases (Marques de Melo, 201, p. 13-34). A *práxis* vigente nas indústrias midiáticas e nos serviços públicos de comunicação converte-se em objeto de análise *acadêmica*, configurando, portanto, um “campo científico” (Bourdieu, 1980, p. 122).

O marco histórico consensual é a fundação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) na Universidade Católica de Pernambuco, em 13

## Nesse panorama não se pode minimizar o papel desempenhado no mundo ocidental pela Igreja Católica, buscando uma terceira via.

de dezembro de 1963, primeiro espaço acadêmico brasileiro dedicado especificamente à pesquisa científica da comunicação. (Hohlfeldt & Gobbi, 2004; Barbosa, Machado & Sacramento, 2012).

Na verdade os fenômenos da comunicação já vinham sendo estudados no Brasil, desde muito antes, mas essas incursões, além de efêmeras ou utilitárias, não tinham motivação cumulativa e raramente eram publicizadas ou criticizadas. (Marques de Melo, 1998).

Tais limitações vão sendo neutralizadas a partir do momento em que a universidade deixa de ser mero espaço para a formação de recursos humanos e decide produzir conhecimento.

No campo da comunicação, a iniciativa pioneira coube evidentemente ao ICINFORM, repercutindo em todo o país e sendo continuada, aperfeiçoada, dinamizada em outras universidades.

Por que esse processo emerge no espaço brasileiro naquele momento, tendo a região nordestina como *cenário* referencial e a cidade do Recife como *locus* cognitivo?

### 2.2 Fatores conjunturais

No fim da Segunda Guerra Mundial, a derrota do nazi-fascismo, longe de significar o ingresso da humanidade numa era de paz e convivência fraterna, entre povos e nações, na verdade se desdobra em outro tipo de conflito. As armas da destruição material que vitimaram pessoas, comunidades, países foram substituídas por artefatos simbólicos, letais para consciências, culturas e ideias.

As duas superpotências responsáveis pela vitória contra o obscurantismo do eixo nipo-italo-germânico cultivam espaços diferenciados no plano socioeconômico, polarizando os sistemas vigentes: comunista e capitalista. Para ganhar terreno junto

às sociedades periféricas, nutrem uma competição de natureza ideológica, valendo-se da *informação* e da *comunicação* como armas de conquista. Esse período histórico ficou conhecido como *guerra fria*, estendendo-se de 1945 a 1989.

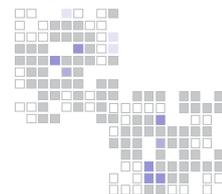
Seus limites fronteiriços encontram-se na a criação da ONU – Organização das Nações Unidas -, quando os países constituídos se agrupam numa instituição legitimada mundialmente - e na queda do Muro de Berlim – quando cai por terra a disputa bipolar. A *perestroika* de Gorbachev dá passagem a uma era que se pretende multipolar, mas na realidade assume feição unipolar, sob a hegemonia da superpotência capitalista (Arbex Jr., 1997).

Essa primazia parecia tranquila, até que em 11/09/2001 a destruição das Torres Gêmeas sinaliza a transição para uma fase híbrida, em que guerra fria e guerra quente se entrelaçam, contudo sem adquirir dimensão totalizante. A ameaça de guerra nuclear mostra-se contida, depois das invasões do Afeganistão e do Iraque, embora fatores aleatórios – Irã, Tibete, Coreia do Norte – sejam veiculados pelas redes de difusão que cobrem todo o planeta, podendo gerar pânico.

Nesse panorama não se pode minimizar o papel desempenhado no mundo ocidental pela Igreja Católica, buscando uma terceira via. Sua projeção tem sido marcante no Brasil, onde persistem “condições de injustiça” não equacionadas pelo “reformismo”, cuja meta é alterar gradualmente as “relações de vida” das periferias. (Mendes, 1966, p. 13) Não é sem razão que o Papa Francisco volta a erguer a bandeira dos pobres neste desabrochar do século XXI.

### 2.3 Contexto nacional

No início dos anos 60, o Brasil tinha o *status*



de nação emergente, integrando o bloco internacional dos países não alinhados. Era, portanto, assediado pelos governos de Washington e de Moscou para engrossar as fileiras do capitalismo ou do comunismo.

Em 1963, o vice-presidente João Goulart recuperava o poder de gestão republicana, depois de manietado pelos generais que ocuparam o poder logo após a renúncia do presidente Janio Quadros. Só foi empossado, mesmo assim com desconfiança, depois de sua viagem à China, quando

**Luiz Beltrão, coordenador do novo curso, foi duplamente influenciado a criar o primeiro núcleo brasileiro dedicado ao estudo científico da comunicação.**

instituído o regime parlamentarista. Na sequência, Goulart promove o plebiscito que iria restaurar o presidencialismo (Callado, 1964).

Vacilando entre forças políticas antagônicas, opta inicialmente pelo Plano Trienal elaborado por Celso Furtado e aceito pelo Fundo Monetário Internacional, mas decide endossar a tese das reformas de base, patrocinada pelas centrais sindicais. Isso atemoriza as classes médias, justificando a intervenção das forças armadas, que desencadeiam o golpe constitucional, empurrando-o para o exílio, juntamente com figuras eminentes da sociedade civil brasileira, entre elas o governador de Pernambuco, Miguel Arraes (Callado, 1979; Arraes, 1981).

Eleito pelo povo que aspirava melhores condições de vida, Arraes toma posse no início de 1963, justamente quando a Universidade Católica de Pernambuco diplomava sua primeira turma de jornalistas formados numa mentalidade que privilegiava a pesquisa como atividade essencial.

Luiz Beltrão, coordenador do novo curso, foi duplamente influenciado a criar o primeiro núcleo brasileiro dedicado ao estudo científico da

comunicação. De um lado, pelas ideias circulantes no entorno político e de outro pelo pensamento eclesial. Capitalizando toda a sua experiência internacional, como líder trabalhista da categoria dos jornalistas, formulou uma estratégia que atingiu o ápice em 1963, esbarrando em 1964 nas circunstâncias decorrentes do golpe militar, mas retemperado pela conduta assumida pela Igreja Católica, designando D. Helder Câmara para ocupar a diocese do Recife.

#### **2.4 Singularidade regional**

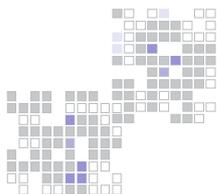
Antenado nos acontecimentos em progressão naquela cidade no primeiro ano de gestão do governador Miguel Arraes, Beltrão sensibiliza seus alunos para desenvolver vários projetos de pesquisa. Inicialmente, estuda a greve dos gráficos que privou Pernambuco de jornais diários durante 20 dias.

A seguir, investigou a morfologia, o conteúdo e a dinâmica do noticiário policial nos jornais de Recife, dando início a um programa de estímulo à iniciação científica. (Feliciano, 2003)

Diagnosticou ainda o comportamento da imprensa local diante de um episódio inusitado: o *lock out* promovido pelas lideranças empresariais da cidade e do campo para resistir às medidas legais que o governo Arraes tomava para garantir o cumprimento da nova legislação trabalhista. Tal estatuto retirava o campesinato do regime semiescravidão em que se encontrava secularmente na região onde se produzia açúcar para abastecer o mercado internacional (Brasil, 1964; Page, 1972).

No ano seguinte, quando o governador Miguel Arraes já havia sido apeado do poder, ele promove uma pesquisa de opinião para saber o que a população do Recife esperava do novo arcebispo católico.

Todo esse cabedal de conhecimento significou o avanço na formação dos novos jornalistas, culminando no fim de 1963 com a fundação do ICINFORM. É necessário registrar que Luiz Beltrão



vinha se articulando com a instituição que difundiu na América Latina a mentalidade da pesquisa científica no campo comunicacional. Ele próprio atuou como professor visitante no Centro Internacional dos Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina – CIESPAL -, divulgando suas experiências vanguardistas no Brasil e assimilando outras ideias pedagógicas que vinham sendo nutridas pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

## 2.5 Cenário internacional

Concomitantemente, tomariam corpo, em todo o país, ofensivas desencadeadas pelas potências hegemônicas do mundo capitalista no sentido de valorizar a comunicação e a informação. O pano de fundo desse movimento é a adesão de Cuba ao bloco comunista, depois do triunfo dos “barbudos” comandados por Fidel Castro e a perspectiva da transição pacífica do Chile ao socialismo, sob a liderança de Salvador Allende.

Tanto a diplomacia norte-americana quanto a missão francesa promovem a tradução para a língua portuguesa de obras seminais nesse campo. Em julho de 1963, a Aliança para o Progresso publica o emblemático livro de David Berlo – *O processo da comunicação*, que “faz a cabeça” da vanguarda atuante na área.

Sintonizado com a nova “onda” intelectual, Gilberto Freyre lança pela Imprensa Universitária de Pernambuco o seu clássico livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, deslanchando uma linha metodológica que o próprio sociólogo de Apipucos denominaria “anunciologia”.

No mesmo diapasão, o jornalista Mauro de Almeida emplacaria seu instigante ensaio *Filosofia dos para-choques*, antecipando uma corrente investigativa que depois assumiria a fisionomia de *folkcomunicação*.

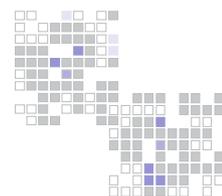
Tampouco se pode esquecer que nessa mesma ocasião vem a público a fundamentação do sistema Paulo Freire, cuja estratégia educacional

ancora-se numa ousada pedagogia da comunicação, enfeixada numa edição especial da revista “Estudos Universitários” (n. 4, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, abril-junho de 1963), projetando intelectuais como o próprio Paulo Freire, bem como outros ainda não reconhecidos nacionalmente: Abdias Moura, Aurenice Cardoso, Jarbas Maciel, Jomard Muniz de Brito, Juracy Andrade e Luis Costa Lima.

Pertencem também a essa ofensiva editorial dois livros que circulam no ano seguinte, simbolizando as ofensivas francesa e norte-americana para disseminar as ideias dos pesos-pesados da nascente área das ciências da comunicação: Fenand Terrou – *A informação* (São Paulo, Difel, 1964) e Wilbur Schramm – *Panorama da comunicação coletiva* (Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964).

Esse ambiente propício ao aparecimento do campo científico da comunicação é nutrido, durante todo o ano de 1963, pela repercussão do Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII e instalado no final do ano anterior, mas repercutindo sensivelmente no âmbito acadêmico através da edição de dois documentos paradigmáticos. A encíclica *Pacem in Terris* cataliza o pensamento do pontífice para fortalecer a “terceira via” no terreno ideológico, da mesma maneira que o decreto conciliar *Inter Mirifica* postula uma nova atitude para os agentes eclesiais, encerrando o período de desconfiança em relação aos meios de comunicação que estigmatizou a postura da Igreja Católica desde os tempos inquisitoriais (Dale, 1974).

Também nessa ocasião, o Brasil desponta como vanguarda do novo campo científico, através do magistério exercido por dois eminentes jornalistas brasileiros no CIESPAL, em Quito, Equador. Suas aulas são convertidas em livros-textos que circulam em todo o continente latino-americano: *Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo* (Luiz Beltrão) é lançado em 1963 e *Pedagogia del Periodismo* (Danton Jobim) tem sua segunda edição publicada em 1964. Ambas disseminam as



ideias que os autores partilharam com diretores e professores das escolas de comunicação da região inscritos em 1963 no IV Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Ciências da Informação Coletiva. Entre eles, se encontravam quatro brasileiros que atuaram como multiplicadores dessas teses, fomentando a pesquisa em nossas universidades: Apio Campos (Pará), Sanelva de Vasconcelos (Pernambuco), Luis Carvalho (Goiás) e José Salomão David Amorim (Minas Gerais) (Vasconcelos, 1965).

## 2.6 Espaço acadêmico

Além da Universidade Católica de Pernambuco, 12 outras instituições acadêmicas abrigavam cursos de graduação em jornalismo, assim distribuídas: três no sul (Porto Alegre e Curitiba), 4 no nordeste e 6 no sudeste (São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Uberaba). Desse contingente, seis eram vinculadas a universidades federais e sete funcionavam em universidades católicas (Beltrão, 2012, p. 163/164).

Atividades orgânicas de pesquisa, desenvolvidas por docentes e discentes, em 1963, só prosperaram em Recife, por iniciativa de Luiz Beltrão. Tentativas precedentes feitas por Danton Jobim na Universidade do Brasil (hoje UFRJ) fracassaram, por falta de apoio institucional (Jobim, 1960). Por sua vez, a pioneira Casper Líbero (SP) só ingressaria no âmbito da pesquisa em 1967, quando funda o Centro de Pesquisas de Comunicação Social (Marques de Melo, 1974).

Esse panorama só mudaria, no período 1964-1966, com a existência das faculdades de comunicação na UnB e na USP, onde também seriam desenvolvidas atividades de pós-graduação e pesquisa.

## 3. Comunidade acadêmica

### 3.1 A batalha do reconhecimento

Relativamente jovem, o campo da comunicação floresceu na constelação acadêmica em meados

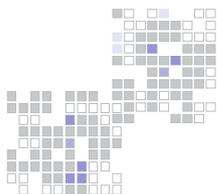
do século XX. Trata-se, portanto, de espaço ainda débil, lutando pela inclusão no universo científico e pela legitimação no âmbito da sociedade, o que significa passar pelo crivo da academia e pelo reconhecimento da opinião pública.

Se a descrição do processo constituinte do campo da comunicação pode ser feita como uma sequência natural de fatos harmonicamente articulados, isso é só a aparência. Na realidade, tudo ocorreu em ritmo de guerra, ostensiva ou declarada. O que não configura fato excepcional na vida universitária, tradicionalmente concebida como espaço do conflito, controvérsia, contradição (Marques de Melo, 2008).

Nesse sentido é que as novas áreas do conhecimento protagonizam verdadeiras batalhas para existir, progredir, subsistir, dentro do campus. Conflito que se alastra para as agências de fomento acadêmico, cujos recursos ordinários alimentam os programas de ensino e cujas dotações complementares nutrem os grupos de pesquisa. Nessas instâncias, quem monopoliza corporativamente as decisões “puxa a brasa para a própria sardinha...” O que impõe a permanente vigilância das áreas novas e dos segmentos emergentes, sob o risco de “morrer na praia”.

### 3.2 Mapa mundi

Por isso mesmo a História das Ciências da Comunicação representa uma autêntica “batalha”, travada em várias frentes, mobiliza contingentes diversificados, contabiliza vitórias e derrotas, demandando estratégias a médio e longo prazo e requer táticas de luta adequadas às circunstâncias porventura configuradas. Trata-se de uma jornada inconclusa, pois a simples ocupação do território nem sempre basta ao exercício rotineiro das tarefas usuais da vida universitária. A luta continua, exigindo prontidão de todo o contingente para enfrentar os adversários externos e neutralizar os “quinta coluna”, quase sempre conspirando para recuperar os troféus perdidos e minar o “moral da



## Na fundação da ALAIC, o Brasil foi inicialmente representado pela ABEPEC, vindo a ser substituída posteriormente pela INTERCOM.

tropa” (Marques de Melo, 2008, p.275-301).

Para facilitar a compreensão dos fatos, julgo indispensável situá-los nesse roteiro histórico, subdividido em cinco fases – remota, antiga, moderna, contemporânea e recente - esclarecendo o contexto que caracterizou tais ocorrências (Marques de Melo, 2010, p. 15-21).

As duas primeiras fases – remota e antiga – se caracterizam pelo conhecimento do processo básico da comunicação e se configuram no espaço greco-romano (entre os séculos IV AC e I DC), culminando com o seu reconhecimento intelectual no espaço público britânico (século XVII). A seguir, a comunicação é incorporada ao espaço universitário germânico (fim do século XVII) e francês (fim do século XIX).

Mas o campo científico da comunicação só se legitima, na fase moderna, com a formação de comunidades acadêmicas nacionais (USA, 1912-1914) e internacionais ICA – Internacional Communication Association (USA, 1948) e IAMCR – International Association for Media and Communication Research (Paris, 1957).

Comparado aos EUA, o Brasil demorou quase século e meio para inserir o campo comunicacional na universidade, é plausível que a pesquisa científica dos fenômenos midiáticos também tenha se convertido tardiamente em atividade regular, contínua e independente.

Seus marcos norteadores, estão contidos na seguinte cronologia, como foram registrados anteriormente.

1963 - fundação do ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação, o primeiro centro de pesquisa universitária sobre comunicação na América Lusófona.

1964 - fundação da FACUNB – Faculdade de

Comunicação de Massa da Universidade de Brasília, a primeira reunindo diversas áreas da comunicação (jornalismo, publicidade, rádio-televisão e cinema), além de estimular a pesquisa e a pós-graduação.

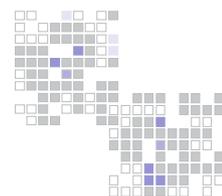
Num primeiro momento, o campo mostra-se fragmentado, sem a necessária correlação entre as disciplinas que o integram organicamente. Esse processo de integração inicia-se em 1971, com a realização do I Congresso Brasileiro de Comunicação, promovido pela ABI, reunindo profissionais, empresários e acadêmicos de todo o campo.

Como consequência, funda-se em 1972 a ABEPEC – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação, a primeira sociedade acadêmica do campo, desativada no início da década de 80.

Atravessando dificuldades políticas e conflitos corporativos, a ABEPEC perde a legitimidade inicialmente conquistada no congresso de Belo Horizonte (1973), dissolvendo-se paulatinamente. Fundada em 1977, a INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação passa a congregar todos os pesquisadores do campo e a organizar a comunidade acadêmica nacional.

Fortalecida internamente, a INTERCOM buscou integrar-se à comunidade acadêmica internacional. Na fundação da ALAIC – Asociación Latino-americana de Investigadores de la Comunicación, entidade que reuniu as associações nacionais de pesquisadores da área, o Brasil foi inicialmente representado pela ABEPEC, vindo a ser substituída posteriormente pela INTERCOM.

A História recente do campo configura verdadeira batalha pela hegemonia internacional. O Brasil ganha espaço nessa vanguarda somente em 1989, quando se dá a refundação da ALAIC – Aso-



ciación Latino-americana de Investigadores de la Comunicación, entidade que havia sido atingida pela crise política dos anos 80, vindo a ter sede na Universidade de São Paulo. Essa iniciativa reflete o consenso das comunidades nacionais operantes, no sentido de fortalecer a identidade latino-americana, projetando-a na arena mundial.

Só em 1992, o Brasil daria o passo decisivo para figurar no cenário internacional do campo. Isso transparece através da realização do XVII Congresso Internacional de Estudos de Mídia e Comunicação, promovido pela IAMCR – International Association for Media and Communication

### Por isso mesmo, a realização da assembleia fundacional da CONFIBERICOM teve a intenção de fomentar o intercâmbio entre os países da megarregião cultural.

Research – e do I Congresso Latino-americano de Ciências da Comunicação, com o apoio da INTERCOM, provendo o primeiro diálogo das comunidades nacional, regional e internacional do campo. Essa foi a oportunidade estrategicamente engendrada para fortalecer a projeção latino-americana no âmbito internacional.

São evidências dessa ofensiva os seguintes episódios, em que o Brasil desempenhou papel vanguardista:

França, 1995 - Fundação da ORBICOM – World Network of UNESCO Communication Chairs – com a finalidade de desenvolver programas de cooperação internacional, incentivando os países mais avançados a contribuir para a melhoria dos recursos humanos e da capacidade investigativa dos países em processo de crescimento.

México, 1998 – Realização do congresso comemorativo do cinquentenário da Internacional Communication Association (ICA), em Acapulco, oportunidade buscada pela organização norte-americana para firmar uma espécie de armis-

tício cooperativo com a América Latina, superando as tensões ocorridas durante a conjuntura da “guerra fria”.

### 3.3 Contra hegemonia

A realização do XXIV Congresso Internacional de Estudos de Mídia e Comunicação, promovido pela IAMCR, em Porto Alegre (2004), tornou ostensiva a hegemonia anglófona naquela associação, refletida na criação de grupos hispânicos, denunciados publicamente pela vanguarda da ALAIC.

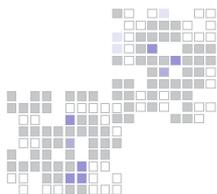
Com a assinatura do Protocolo de Guadalajara (México, 2007), as principais associações da Europa ibérica e da América latina se comprometem a constituir uma confederação internacional destinada a fortalecer a comunidade ibero-americana das ciências da comunicação, visando ocupar espaço próprio na comunidade internacional da área.

Confirma-se no XXVI Congresso Internacional da IAMCR (Suécia, 2008) a ostensiva hegemonia anglófona, refletida na ausência latina na programação substantiva do evento e na presença quase residual na composição da nova diretoria da entidade. A participação brasileira é meramente simbólica.

Por isso mesmo, a realização da assembleia fundacional da Confederação Ibero-americana de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação – CONFIBERICOM -, com a proposta de realizar em 2010, o I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, teve a intenção de fomentar o intercâmbio entre os países da megarregião cultural, visando estrategicamente nossa inserção afirmativa na comunidade internacional da área.

### 3.4 Campo social

Tendo em vista o papel de vanguarda que o Brasil vem ocupando nesse panorama, torna-se indispensável descrever inicialmente o processo de constituição do “campo social” (Bourdieu, 1980), antes



## Mas sem dúvida o divisor de águas, o marco decisivo para estabelecer o campo em gestação, foi o Congresso Nacional de Comunicação, convocado pela Associação Brasileira de Imprensa.

de explicitar a natureza do segmento acadêmico.

O campo social da comunicação no Brasil evidencia-se organicamente na década de 70 do século XX. Justamente quando cessa a fragmentação dos espaços empresariais, profissionais e acadêmicos relacionados com a produção de bens culturais. Criam-se instâncias de “poder simbólico” (Bourdieu) na academia, que denotam a busca de convergência no âmbito daquele espaço rotulado como “indústria cultural” (Teixeira Coelho, 1980).

Até então, o setor produtivo encontrava-se disperso, compreendendo distintos segmentos. Na base industrial, empresas de artes gráficas, fábricas de papel, empresas de telecomunicações. No âmbito da veiculação: empresas jornalísticas, de radio-televisão, cinematográficas, editoriais. No setor de serviços: agências noticiosas, de propaganda e pesquisa de mercado. Na rede de distribuição: livrarias, bancas de jornais e revistas, salas de cinemas, lojas para vendas de televisores, etc.

Essa divisão manufatureira refletia-se no mundo profissional, compreendendo sindicatos de jornalistas e radialistas, associações de publicitários, coletivos de produtores de cinema e vídeo, câmaras de editores e sociedades de escritores ou grêmios de quadristas.

Igual projeção se daria no espaço universitário, onde funcionavam cursos de jornalismo, cinema, publicidade, relações públicas, muitas vezes de forma estanque, sem qualquer diálogo ou cooperação.

Já nos anos 60 surgem as primeiras tentativas de aproximação entre carreiras acadêmicas ou empresas do ramo, compelidas a interagir e a superar a atomização profissional ou industrial. Naquela conjuntura, o conceito de comunicação restringia-se aos processos de interação huma-

na, pouco extrapolando para o mundo dos negócios (e da política).

Mas sem dúvida o divisor de águas, o marco decisivo para estabelecer o campo em gestação, foi o Congresso Nacional de Comunicação, convocado pela Associação Brasileira de Imprensa - ABI, por inspiração de Danton Jobim. Tal evento transcorreu na semana de 10 a 16 de setembro de 1971, no Rio de Janeiro. Pela primeira vez, reuniam-se para debater ideias e confrontar pontos de vista representantes de todas as áreas empresariais, sindicais, profissionais e acadêmicas. Ao final, o congresso demandou perante o Estado e a Sociedade a constituição de “uma política nacional de comunicação no Brasil”.

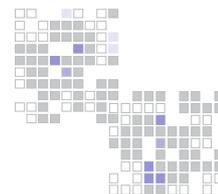
Tornava-se evidente que a fragmentação da área causava prejuízos ao desenvolvimento dos processos sócio-culturais neles contidos, tendo em vista a forte tendência à concentração econômica no setor produtivo e o temor ante a escala autoritária no plano político, além da angústia que a imagem da “aldeia global” trazia aos intelectuais progressistas.

### 3.5 Segmento acadêmico

O setor acadêmico, talvez como estratégia de sobrevivência, foi mais veloz na construção de pontes entre as áreas de conhecimento ou disciplinas legitimadas pela sociedade. O protótipo da Faculdade de Comunicação de Massa (1963), arquitetada por Pompeu de Souza, acabou por prevalecer, resistindo aos trancos e barrancos.

Duas outras instituições foram decisivas, nessa conjuntura, para sedimentar o campo acadêmico da comunicação no país.

Primeiro, a Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do



## O setor da pesquisa em comunicação existe, na sociedade brasileira, desde que foram criados os pioneiros institutos de pesquisa de audiência da mídia e instalados os primeiros cursos superiores de jornalismo.

Rio Grande do Sul (1965), ampliação da primitiva Escola de Jornalismo. Assimilou as diretrizes eclesiais emanadas do Concílio Vaticano II, inclusive a noção de campo da Comunicação, adjetivado como Social, Contudo ela se ancorou no equívoco pedagógico de Celso Kelly que instituiu a figura do “jornalista polivalente” como se fora sinônimo de “comunicador social”. Mais adiante, a FAMECOS se desfez dessa “herança maldita”.

Na sequência, a Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo (1966) tornou-se a primeira instituição nacional a manter uma gama de carreiras de comunicação – jornalismo, relações públicas, rádio, televisão, cinema. Além disso, fomentou a pesquisa e criou laboratórios didáticos onde os estudantes pudessem experimentar os processos descritos na sala de aula.

Tais avanços acadêmicos ocorreram concomitantemente à reciclagem das indústrias de comunicação. Na medida em que o país foi se modernizando, sob o signo do “milagre econômico”, a mídia foi se articulando organicamente, em função das novas demandas simbólicas que a sociedade brasileira, em fase de urbanização acelerada, engendrava cotidianamente.

Portanto, os anos 70 foram emblemáticos, para delinear a fisionomia do nosso campo comunicacional. Não apenas pelo crescimento e diversificação do setor produtivo, mas, sobretudo pela acumulação de conhecimentos que, a partir de então, as emergentes faculdades de comunicação passaram a produzir, sistematizar e socializar.

### 3.6 Vanguarda investigativa

A revisão do espaço ocupado pelo Brasil na comunidade acadêmica da comunicação fez-se oportuna no momento em que celebramos 30

anos de fundação da ALAIC, resgatando o papel vanguardista desempenhado nesse contexto pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares – INTERCOM.

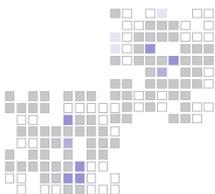
O setor da pesquisa em comunicação existe, na sociedade brasileira, desde que foram criados os pioneiros institutos de pesquisa de audiência da mídia e instalados os primeiros cursos superiores de jornalismo. Os principais marcos são: a fundação do IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (1942) e o início das atividades didáticas da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero (1947).

Sua ampliação, para incorporar novos segmentos comunicacionais (cinema, editoração, relações públicas, radio-tele difusão, lazer, divulgação científica, extensão rural), somente ocorreu a partir dos anos 60, quando se fortalece a indústria midiática em território nacional.

Verifica-se ao mesmo tempo uma mudança nos espaços de geração de conhecimentos novos: as emergentes escolas de comunicação iniciam atividades regulares de pesquisa. A instituição pioneira foi a Universidade Católica de Pernambuco, onde Luiz Beltrão funda o ICINFORM - Instituto de Ciências da Informação (1963), vindo logo a seguir a Universidade de Brasília (1965) e a Universidade de São Paulo (1967), cujas faculdades de comunicação instituem programas de doutorado na área.

Nesse momento uma comunidade acadêmica constituída por professores-pesquisadores começa a se configurar. Os cursos de pós-graduação em comunicação, encravados nas universidades, absorvem os primeiros doutores diplomados em instituições estrangeiras ou titulados no próprio país.

Constitui-se, portanto, uma rede de cientistas da comunicação, dotada de perfil híbrido. Alguns



pertencem aos diferentes setores da comunicação de massa (com hegemonia do jornalismo), outros procedem das disciplinas conexas (humanidades e ciências sociais). Pouco a pouco, essa comunidade vai adquirindo visibilidade social (Lopes, 2000).

#### 4. Federação nacional

A vanguarda da comunidade acadêmica do campo comunicacional é constituída por uma constelação de 15 sociedades científicas e associações educacionais distribuídas em dois grupos.

##### 4.1 Entidades poli disciplinares (7):

INTERCOM (1977) - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

COMPOS (1990) - Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação;

FOLKCOM (1998) - Rede Brasileira de Pesquisa em Folkcomunicação;

REDEALCAR (2001)- Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória da Imprensa a Construção da História da Mídia, embrião da atual Associação Brasileira de História da Mídia.

ULEPIC-Brasil (2002) - União Latina de Economia Política da Informação e da Comunicação;

COMPOLITICA (2006) - Associação Nacional de Comunicação Política;

ABCiber (2007): Associação Brasileira de Cibercultura.

##### 4.2 Entidades mono-disciplinares (8):

ABJC (1977) - Associação Brasileira de Jornalismo Científico;

SOCINE (1996) - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual;

FORCINE (2000) - Fórum Nacional de Ensino de Cinema e Audiovisual;

FNPJ (1997) - Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo; e

SBPJor (2005) - Sociedade Brasileira de Pesquisadores do Jornalismo;

ABRAPCORP (2007) - Associação Brasileira de

Pesquisa em Relações Públicas e Comunicação Organizacional.

POLITICOM (2008) – Associação Brasileira de Pesquisadores de Propaganda e Marketing Político

ABP2 (2010) – Associação Brasileira dos Pesquisadores em Publicidade.

#### 5. Avanços e recuos

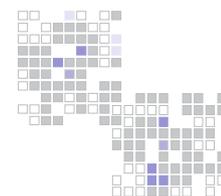
Essa comunidade brasileira no âmbito das ciências da comunicação avançou significativamente desde que Luiz Beltrão, o fundador do nosso campo, criou há, meio século, o primeiro instituto de pesquisa acadêmica sobre os fenômenos sociais da informação coletiva. Todavia, a ausência de uma interlocução com o Estado ensejou o desenvolvimento de estudos nem sempre afinados com as demandas da sociedade.

Padecendo do “complexo do colonizado”, a nossa vanguarda acadêmica, comportou-se mimeticamente, reproduzindo, de forma acrítica, modelos teóricos forâneos, carentes de sintonia com o *ethos* brasileiro. Por isso mesmo, entre as metas constituintes de uma federação representativa do campo comunicacional estava implícita a de superar a dependência paradigmática que nos atrela historicamente ao pensamento metropolitano.

Idealizada como instância abrangente da nossa comunidade acadêmica, a SOCICOM procurou estimular a pesquisa, sem esquecer de emular também os pesquisadores.

Articulada politicamente em Santos (SP), em setembro de 2007, pelas lideranças da área, mas legalmente constituída em Natal – RN, no dia 2 de setembro de 2008, as metas principais da Federação Nacional das Sociedades Científicas e Associações Acadêmicas de Comunicação - SOCICOM. - são as de fortalecer a Comunicação como campo do saber, desenvolvendo ações destinadas à sua consolidação como Grande Área de Conhecimento.

Sua vocação estatutária é claramente representativa e necessariamente agregadora. Desempenhan-



do papel estratégico no diálogo com os gestores de C&T, mantém fluxos contínuos e transparentes na interlocução com o Estado. Para tanto vem construindo alternativas para identificar as demandas de interesse comum, nelas concentrando atenção, no intuito de convencer financiadores e planejadores a dar-lhes prioridade orçamentária.

Anualmente, a SOCICOM realiza, em março, um seminário de integração institucional, com a finalidade de definir ações imediatas, promovendo em setembro um fórum temático, agendando o diálogo da comunidade acadêmica com a sociedade civil.

**Assim sendo, o Brasil possui uma grande comunidade acadêmica no âmbito das ciências da comunicação, mas se comporta como satélite do pensamento anglófono ou francófono.**

Hoje, a comunidade acadêmica brasileira começa a dar passos decisivos para superar a fragmentação que a vem debilitando politicamente.

Existem no país quase duas dezenas de sociedades científicas que agrupam pesquisadores e professores nas áreas de comunicação.

Mas, na luta silenciosa pelas fatias do orçamento estatal destinado a ciência e tecnologia, cada entidade defende seus próprios interesses. E se contenta com a alocação de migalhas, deixando de perceber que a divisão do nosso campo só favorece os polos hegemônicos. Bem estruturados e muito bem articulados, contam com vanguardas atuantes, capazes de apresentar projetos holísticos, utilizando argumentos apropriados para influir na decisão dos gestores públicos situados nas agências de fomento.

Embora a pesquisa em comunicação cresça, ano a ano, nas universidades brasileiras, as cotas de bolsas para iniciação científica, mestrado e doutorado permanecem reduzidas, quase não abrindo oportunidades para a nova geração de pesquisa-

dores. Da mesma forma, as verbas reservadas à pesquisa de campo ou de laboratório são recordadas ou contingenciadas, por falta de projetos temáticos relevantes ou compartilhados.

Assim sendo, o Brasil possui uma grande comunidade acadêmica no âmbito das ciências da comunicação, mas se comporta como satélite do pensamento anglófono ou francófono, muitas vezes reciclado nos entrepostos latinos que ainda nos causam fascinação.

É bem verdade que não constituímos um corpo cognitivo homogêneo. Por isso, cabe às nossas lideranças estabelecer pontes que comuniquem o saber acumulado em cada disciplina – jornalismo, cinema, publicidade, relações públicas, semiótica, cibercultura, midiologia, comunicologia, etc. – sem deixar de nutrir-se nos conteúdos gerados pelas humanidades para engendrar ações consentâneas com as tecnologias de ponta.

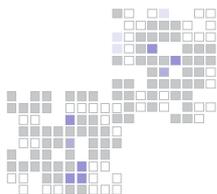
Portanto, muito temos a fazer, ultrapassado o paroquialismo tático e superado o reboquemos estratégico, construindo a unidade necessária para legitimar a comunicação como grande área do conhecimento.

## **6. Próximos passos**

Nesse sentido, precisamos superar o complexo de inferioridade que nos atrela à legião dos deslumbrados com os modismos do “primeiro mundo”.

A iniciativa mais ousada da SOCICOM para atingir essa meta foi alavancada, em abril de 2009, na Ilha da Madeira, Portugal, através de um pacto endossado pelas lideranças nacionais da Espanha, Portugal, Brasil, México, Argentina, Bolívia, Venezuela e de outros países hispano-americanos onde as ciências da comunicação conquistaram legitimidade nacional.

Preservando e robustecendo nossa identidade cultural, cogita-se potencializar a presença ibero-americana na comunidade internacional da área, respaldada pelo fortalecimento de uma rede mega-regional, destinada a cimentar os avanços



## Iniciativas como a dos países nórdicos, aglutinados pelo NORDICOM, mostram-se positivas, suscitando o lançamento de ofensivas do gênero.

investigativos em nosso espaço geopolítico. Desta maneira, poderemos neutralizar a tendência vigente que mantém nossos países na órbita dos importadores de *know how*, quando muitas vezes dispomos de *saber aplicado*, mais adequado para nossas próprias realidades.

Esse processo adquiriu consistência através do convênio celebrado pela SOCICOM com o Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas, órgão vinculado ao Ministério de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

Braço cognitivo do governo federal no sentido de estabelecer diretrizes para o novo ciclo do desenvolvimento brasileiro, ancorado na construção de um país soberano e solidário, o IPEA legitimou a relação comunicação-desenvolvimento. Ensenjando a criação de um observatório das políticas públicas nesse campo, planeja realizar séries históricas destinadas a pensar sistemas democráticos de difusão coletiva.

Nesse sentido, o *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil*, publicado desde 2010, representa um passo decisivo nessa direção, coletando indicadores nacionais do campo em matéria de ensino, pesquisa, produção e consumo, delineando tendências e sugerindo debates.

O passo seguinte é sem dúvida a criação do observatório das políticas públicas, subsidiando o planejamento de ações transformadoras. Mas sempre lembrando que elas se destinam a uma sociedade cruel no setor da inclusão cognitiva, que ainda marginaliza grandes contingentes da população, sonhando o conhecimento cotidiano sobre que acontece no planeta, no país e na própria comunidade.

Nessa empreitada, convém admitir que a transformação do campo comunicacional em espa-

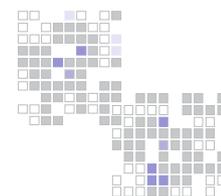
ço anglófono vem se dando principalmente pela inércia dos países pertencentes a outros agrupamentos geoculturais, que assimilam e reproduzem as matrizes do conhecimento hegemônico, pouco a pouco legitimado como “pensamento único”.

Iniciativas como a dos países nórdicos, aglutinados pelo NORDICOM, mostram-se positivas, suscitando o lançamento de ofensivas do gênero. Inspirando-se nessa bem sucedida experiência, as lideranças ibero-americanas do nosso campo, assinaram o Protocolo de Guadalajara em 2007, comemorado com uma rodada de *tequila*. Este documento criou condições para o Pacto do Funchal, celebrado em 2009, e brindado com vinho *madeira*.

Trata-se de etapa decisiva para a criação de uma comunidade internacional que pode fincar a bandeira ibero-americana no espaço mundial das ciências da comunicação. Nesse sentido, o Congresso Mundial realizado na cidade de São Paulo em agosto de 2011 conotou perspectivas bastante alvissareiras.

A adesão de quinhentos participantes, autores de trabalhos previamente selecionados pelos pares, em cada disciplina, num universo de quase mil resumos inscritos, demonstrou que vale a pena fortalecer nossa soberania intelectual, para evitar a dissolução gradativa da identidade cultural ibero-americana nas malhas da globalização.

É indispensável ressaltar que o megaevento sedimentou o papel de vanguarda assumido pela comunidade brasileira de ciências da comunicação. Superando a competição suicida travada por segmentos disciplinares que lutam por um lugar ao sol na árvore do saber universal. Nesse sentido, o campo das ciências da comunicação demonstra sinais de maturidade, encetando um diálogo construtivo com o aparato do Estado,



embora continue pendente a nossa interação criativa com a Sociedade.

## 7. Perspectivas

Fiéis ao espírito da universalidade dentro da diversidade, mas conscientes de que a conquista da multipolaridade cultural depende fundamentalmente do fortalecimento da nossa autoestima intelectual, precisamos ter coragem suficiente para superar o reboquismo que nos atrela secularmente aos paradigmas construídos pelo bloco dominante da chamada “ciência ocidental”.

Não se trata absolutamente de uma incitação à xenofobia, mas de uma compreensão contextual da natureza das ciências sociais, cujas evidências empíricas não podem ser transferidas automaticamente para outras realidades. Sem prévia validação dos respectivos axiomas por estudos de campo e outros procedimentos metodológicos, é temerária sua assimilação por ambientes geoculturais diferentes e contrastantes.

Tampouco se pretende fomentar o nosso isolamento da comunidade acadêmica mundial, instituindo um gueto linguístico ou uma fraternidade parental. O que se almeja legitimamente é superar a nossa subordinação a um modelo de produção acadêmica enraizado no regime colonial e cultivado pela inércia das nações que se tornaram politicamente independentes, mas academicamente alienadas, para não dizer subservientes.

O ponto de partida para romper essa dependência histórica é sem dúvida o estreitamento das nossas relações culturais. O intercâmbio de nossas experiências investigativas significa agir estrategicamente nos fóruns internacionais, levando à compreensão crítica dos fenômenos socioculturais.

A expectativa resultante é a de acumular, processar e socializar conhecimentos que permitam a geração de outras ideias, destinadas a fortalecer o sistema democrático, preservando as identidades nacionais e correspondendo às aspirações coletivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mauro. *Filosofia dos para-choques*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1963.

ARBEX JR., José. *Guerra fria*. São Paulo: Moderna, 1997.

ARRAES, Miguel. *O jogo do poder no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1981.

ASSIS, Francisco de. *Anuário Brasileiro de Ciências da Comunicação*. SOCICOM, 2012.

BARBOSA, Marialva; MACHADO, Maria Berenice; SACRAMENTO, Igor. *Memória das Ciências da Comunicação, Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil*, v. III, Brasília, IPEA/ SOCICOM, 2012.

BELTRÃO, Luiz. *Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo*. Quito: Ciespal, 1963.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.

\_\_\_\_\_. *Aprendizagem das ciências da comunicação em Pernambuco*, *Comunicações & Problemas*, v. 1, n. 1. Recife: ICINFORM, 6-8p, 1965.

\_\_\_\_\_. *Metodologia do ensino de jornalismo*. São Paulo: Intercom, 2013.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*, São Paulo. Ática: 1980.

BERLO, David. *O processo da comunicação*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

BRASIL, Jocelyn. Arraes, *o fazedor de homens livres*. São Paulo: Fulgor, 1964.

CALLADO, Antonio. *Jango ou o suicídio sem sangue*, In: Os idos de março e a queda de abril, Rio de Janeiro. José Alvaro editor, p. 247-276, 1964.

- \_\_\_\_\_ *Tempo de Arraes*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- DALE, Romeu. *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- FELICIANO, Fátima. *Iniciação científica em jornalismo*, Idade Mídia, n. 3, São Paulo, UniFIAM, p. 137-156, 2003
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- GURGEL, Eduardo Amaral; MARQUES DE MELO, José; VIDAL, Rose. *Metodologia do ensino de jornalismo* (Coleção Beltrianas), São Paulo, Intercom; Uberlândia, Edufu, 2012.
- HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Cristina. *Teoria da Comunicação: antologia de pesquisadores brasileiros*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- JOBIM, Danton. *Espírito do Jornalismo*. Rio de Janeiro: São José, 1960.
- \_\_\_\_\_ *Pedagogia del Periodismo*, 2ª. ed. Quito: Ciespal, 1964.
- LOPES, Maria Immacolata V. *A institucionalização dos estudos de comunicação no Brasil*, In: Lopes & Buonano – Comunicação no plural – estudos de comunicação no Brasil e na Itália. São Paulo: EDUC/INTERCOM, p. 49-68, 2000.
- MARQUES DE MELO, José. *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- \_\_\_\_\_ *Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_ *Pedagogia da comunicação: matrizes brasileiras*. São Paulo: Angellara, 2006.
- \_\_\_\_\_ *História Política das Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008a.
- \_\_\_\_\_ *A batalha da comunicação*. Sorocaba: Eduniso, 2008b.
- \_\_\_\_\_ *Praxis, memória e cognição no Jornalismo*, Matrizes (2:2): 117-132. São Paulo: ECA-USP, 2009.
- \_\_\_\_\_ *Os caminhos cruzados da comunicação*, São Paulo, Paulus
- MENDES, Candido, *Memento dos vivos – a esquerda católica no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- PAGE, Joseph. *A revolução que nunca houve*. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- SCHRAMM, Wilbur. *Panorama da comunicação coletiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- TEIXEIRA, Coelho. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- TERROU, Fernand. *A informação*. São Paulo: Difel, 1964.
- VASCONCELOS, Sanelva. *IV Curso Internacional de Aperfeiçoamento do Ciespal, Comunicações & Problemas*, v. 1, n. 1. Recife: ICINFORM, p. 27-29, 1965.

